

Incluíde a linguagem?

A psicanálise propõe uma leitura aguda e crítica do que há de mal-estar na cultura e em suas expressões sintomáticas. As questões de gênero nas línguas acarretam transformações e invenções, ou seja, efeitos de um sintoma de linguagem como produto de cada época.

É por isso que lemos *Incluíde a linguagem?*, título escolhido para a seção **Incidente**, como um sintoma social que carrega a marca da época: rejeição da tradição que determina um arranjo binário do gozo sexual diante do estabelecimento de um gênero preestabelecido.

Em termos gerais, a língua aparece como um sistema homogêneo e completo. Ela é comum, embora varie para os indivíduos. Poderíamos dizer que é o que “facilita” a comunicação entre eles. Constitui uma unidade por poder ser definida e delimitada. Em razão disso, é possível entendê-la como objeto de estudo da ciência.

Nesse sentido, não é intocável. Pelo contrário, é uma prática social, e por isso pode passar por intervenções, ressignificações, renascimentos, nem sempre a partir de processos naturais, mas por necessidades políticas e reparatórias.

O uso instrumental da linguagem é uma questão política de primeira ordem. Se é de inclusão que se trata, seria preciso incluir como enunciado essencial que a experiência de ser, ligada à maneira de habitar a linguagem, não pode ser reduzida à ideia de querer tudo nomear. Sempre se oscilará entre o par inclusão-exclusão do sujeito, fundado no indizível. Isso se mostra toda vez que fazemos alguma referência a nosso pertencimento, seja a um coletivo, seja a uma comunidade. “Eu pertenço a” – essa forma de dizer é seguida por um efeito de segregação. Porque não há grupo que tudo abranja, porque não há linguagem que tudo diga.

Não obstante, demandas sociais exigem visibilidade e reivindicam direitos. Pode-se dizer que um denominador comum da diversidade de vozes que se expressam nesta seção é o apelo ou a promoção da *liberdade* e do *livre-arbítrio* quanto à escolha em matéria de sexualidade, considerada um direito.

Essa é uma posição que interessa particularmente à psicanálise, porque implica a rejeição de qualquer determinismo relativo, não apenas o da anatomia como destino, mas também o do significante e da sujeição do sujeito a ele, que chamamos de inconsciente e que envolve radicalmente o corpo como erógeno e como objeto

de desejo do Outro.

É fundamental reconhecer que a “linguagem inclusiva” cumpre em grande parte o objetivo que se propõe: tornar cada vez mais manifesta a *urgência da igualdade de gênero*, uma prática de resistência permanente.

Não obstante

No momento em que se pressupõe o triunfo da inclusão, algo se desprende, ficando fora dessa uniformidade de massas, porque a pulsão de cada um distingue essa tentativa de uniformização. A linguagem se apresenta a partir da falta, da impossibilidade de formar uma totalidade, uma entidade, e recusa qualquer tentativa de classificação. Sempre haverá um resto não assimilado pelos discursos.

Por meio da psicanálise, pretendemos produzir um sujeito do inconsciente diferenciado da massa, cada um com sua posição de gozo, com sua demanda pulsional, que não cabe na dimensão de *todes*.



Sophie Calle

Les mains de mon père | *My father's hands*, 2018.

Photographer: Claire Dorn. © Sophie Calle / ADAGP, Paris 2023. Courtesy Perrotin

* Asociación Psicoanalítica Argentina.